

Um Guia Para Uma Vida Piedosa

por Ricky Kurth

"Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus" (Rm.12:1-2).

Nosso texto de abertura nos fornece toda a motivação que precisamos para viver "no presente século sensata, justa e *piedosamente*" (Tt.2:12). Se o Senhor Jesus Cristo morreu por nós, é então *razoável* que vivamos para Ele! Mas como vamos fazer isto? Nesta série de artigos esperamos fornecer ao leitor instruções do próprio Deus de como viver uma vida piedosa.

Estudantes da Bíblia sabem que Romanos 9 a 11 são capítulos parentéticos (isto é, são capítulos especiais colocados dentro de um parêntese) e nosso texto de abertura em Romanos 12:1-2, de fato, segue a doutrina ensinada em Romanos 6 a 8. E, enquanto a *motivação* do andar piedoso é encontrada em Romanos 12:1-2, acreditamos que os *mecanismos* de viver uma vida piedosa são encontrados nos capítulos anteriores. Então planejamos examinar esta passagem detalhadamente, porque acreditamos que um entendimento de Romanos 6 a 8 fornece ao crente um guia de piedade do próprio Deus.

Após declarar a pecaminosidade do homem e a necessidade de um Salvador em Romanos 1 a 3, o apóstolo Paulo claramente estabelece como o Senhor Jesus Cristo pagou por todos os nossos pecados na cruz do Calvário em Romanos 3 a 5 e afirma que podemos ser salvos dos nossos pecados pela simples "*fé no seu sangue*" (Rm.3:25). Depois de concluir esta discussão em Romanos 5, Paulo então pergunta:

"Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante?" (Rm.6:1).

"Que diremos pois?" *A o quê?* Ora, de ser salvos de todos os nossos pecados, passados, presentes e futuros! Paulo sabia que a reação natural para tal graça seria pensar que agora podemos pecar com impunidade e então antecipa este raciocínio falho e lida com ele aqui. Mas antes de refutar detalhadamente este pensamento, a resposta inicial de Paulo é exclamar dizendo:

"De modo nenhum! Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos?" (Rm.6:2).

Depois que a exclamação de Paulo expressa completamente a sua revolta com tal pensamento, ele imediatamente se coloca para responder esta pergunta de uma maneira definitiva. Suas palavras: "*Como viveremos*" parecem argumentar: "Depois de tudo que Deus fez por nós, livrando-nos do pecado, como podemos ainda pensar em entristecê-Lo continuando a pecar?"

Isto é chamado de motivação da Graça. Deus não diz a nós, como Ele falou à Israel: "Se vocês forem bons Eu os abençoarei". Isto é motivação da Lei, o método tradicional de "recompensa ou castigo" e não funciona na atual dispensação da graça. Deus prefere nos dizer: *Eu já os abençoei* (Ef.1:3), não andareis *de forma digna* das minhas bênçãos (Ef.4:1)?

Vemos uma ilustração deste tipo de motivação em Gênesis 39. Quando José foi tentado a pecar com a mulher do seu dono, ele falou de tudo o que seu dono havia feito por ele, então perguntou: "Como eu poderei fazer tamanha maldade e pecar contra Deus?" (v.9). José poderia ter pensado: "Eu estou longe de casa, quem saberá?" Ou, "Deus parece ter me abandonado de qualquer maneira. Afinal, permitiu que eu me tornasse um

escravo. Eu não Lhe devo nada!" Apesar da sua vida difícil, ao invés disto, ele permaneceu fiel ao seu Senhor que o tinha abençoado e nós deveríamos fazer o mesmo!

Se ouvíssemos que um bêbado continuou a beber depois de receber um fígado novo, ficaríamos revoltados. Deveríamos ficar revoltados, do mesmo modo, com o pensamento de alguém continuar pecando depois de Deus ter Lhe dado um *coração* novo.

Poderíamos comparar a nossa situação com a dos diplomatas estrangeiros na capital do país. Eles têm "imunidade diplomática" e não podem ser processados judicialmente por terem violado qualquer uma das leis do país. Por causa disto, ficamos revoltados quando, ocasionalmente, escutamos que alguém transgrediu as nossas leis simplesmente porque tem "imunidade". Crentes, salvos pela graça, têm imunidade parecida à condenação eterna do poder da Lei de Moisés e é revoltante para nós considerarmos cometer os pecados pelos quais Deus punirá os incrédulos no Inferno por toda a eternidade. Falando dos pecados que ele enumera em Efésios 5:3-5, Paulo segue dizendo:

"Porque, por essas coisas, vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência. Portanto, não sejais participantes com eles" (Ef.5:6-7).

A graça *não* é uma licença para pecar, embora muitos crentes sejam enganados por "palavras vãs", dizendo que é (Ef.5:6). Isto é semelhante às "palavras falsas" com que Jeremias alertou Israel:

"Eis que vós confiais em palavras falsas, que para nada vos aproveitam. Que é isso? Furtais e matais, cometeis adultério e jurais falsamente, queimais incenso a Baal e andais após outros deuses que não conheceis, e depois vindes, e vos pondeis diante de mim nesta casa que se chama pelo meu nome, e dizeis: Estamos salvos; sim, só para continuardes a praticar estas abominações!" (Jr.7:8-10).

Mentirosos estavam dizendo à Israel que os sacrifícios que eles traziam à casa de Deus os livrava do julgamento para que eles pudessem continuar no pecado. O propósito verdadeiro de Deus em dar à Israel estas coisas era provê-los com uma rede de segurança, no caso deles caírem no pecado. Mas, em resposta a estas palavras mentirosas eles começaram a usar a sua rede de segurança como uma *rede de dormir*, relaxando confortavelmente nos pecados pelos quais animais inocentes tinham morrido.

Isto me lembra como o sistema de auxílio desemprego é semelhantemente projetado como um tipo de rede de segurança para o trabalhador, no caso deles ficarem sem emprego. Existem muitas palavras que as pessoas usam para descrever aqueles que usam esta rede de segurança como se fosse uma rede de dormir e nenhuma destas palavras é um elogio. Jamais deveríamos, *nós* que estamos salvos pelo sangue de *Cristo*, considerar usar aquele sangue precioso como uma rede para passar o tempo relaxando na iniquidade.

Que possamos ser achados como pessoas que apaixonadamente servem ao Senhor mesmo sabendo que estamos eternamente seguros. As pessoas têm elogios para o filho do dono que trabalha ardentemente, mesmo sabendo que ele não pode ser despedido e todas estas palavras são muito bonitas. Que estas palavras possam ser usadas para descrever cada um de nós como crentes eternamente seguros!

É próprio da natureza humana querer pecar, porque além de nossa tendência natural de transgredir as leis de Deus, o pecado é a única coisa que não podemos ter como crentes e os homens sempre parecem querer mais aquilo que não podem ter! Adão era o rei do mundo, mas ele queria o fruto da única árvore que ele não podia ter. Acabe possuía muitas terras como rei de Israel, mas ele queria a *única* terra que a Lei não permitia que ele tivesse (I Re.21:1-16). E Amnon, como filho do rei, era o solteiro mais requisitado de Israel e podia ter a mulher que quisesse no reino, mas ele queria a *única* mulher que não podia ter (II Sm.13:1-4). Estes exemplos da

natureza humana ilustram bem a nós, como os filhos do Rei, que *Deus "tudo nos proporciona ricamente para o nosso aprazimento"* (I Tm.6:17) e mesmo assim cobizamos a única coisa que não podemos ter: o *pecado!*

Isto é *natural*, mas o homem natural não é uma coisa boa nas Escrituras (I Co.2:14)! Quando estava com fome era natural para Israel se lembrar das coisas boas que tinham para comer no Egito e se esquecer quão miserável eram as suas vidas como escravos do Faraó. Da mesma maneira que é natural para nós lembrarmos dos "prazeres transitórios do pecado" (Hb.11:25) e esquecer que éramos escravos ou "*servos do pecado*" (Rm.6:17) e quão miseráveis eram as nossas vidas naqueles dias!

Depois o apóstolo segue explicando exatamente o que quer dizer quando ele diz no versículo 2: "Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos?":

"Ou, porventura, ignorais que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte?" (Rm.6:3).

"Morremos" para o pecado porque fomos batizados na morte de Cristo. Aqui o apóstolo não fala do batismo de *água*. Porque o batismo de água não nos coloca "em Cristo Jesus". O significado principal de batismo é *identificação*.

No primeiro batismo da Bíblia (I Co.10:1-2), Israel não sabia com certeza se as águas do Mar Vermelho se fechariam misteriosamente como tinham se aberto, mas eles sabiam, com certeza, o que aconteceria se eles perdessem tempo pois o exército do Faraó estava logo atrás deles. Entrando no Mar Vermelho eles proclamavam em voz alta: "*Nós estamos com Moisés!*" e deste modo se identificaram com ele. Da mesma maneira, o batismo na água do Senhor *identificou-O* como o Messias de Israel (Jo.1:31). Sua morte também foi chamada de um batismo (Lc.12:50) porque "*foi contado (identificado) com os transgressores*" (Is.53:12; Mc.15:27-28). E quando Tiago e João quiseram ser identificados com o Senhor na glória do Seu reino (Mc.10:35-37), Ele perguntou se estavam dispostos a se identificar com Ele primeiramente no sofrimento da morte (v.38).

Então o batismo de Rm.6:3 é aquele com o qual somos identificados com Cristo no momento que acreditamos no evangelho. É neste momento que somos "batizados em Cristo Jesus" (cf. I Co.12:13). Paulo diz que todos os que experimentaram este batismo também foram batizados na Sua morte. E enquanto o batismo de *água* não nos dá poder algum sobre o pecado (o assunto desta passagem) *este* batismo nos dá *muito* poder sobre o pecado! Permita-nos explicar:

Antes de sermos salvos *tínhamos* que pecar, porque *tudo que fazíamos era pecado* aos olhos de Deus. Até uma coisa amoral (que não é nem contrário nem conforme a moral) como arar um campo era pecado se feito por um incrédulo (Pr.21:4). Até obras *justas* feitas por incrédulos são consideradas "*iniquidade*", pois são a *auto-justiça* (Is.64:6; Mt.7:22-23). Não é de se admirar que Paulo diga dos incrédulos: "*não há quem faça o bem, não há nem um só*" (Rm.3:12).

Mas enquanto era necessário para nós pecarmos antes de sermos salvos (porque tudo que se fazia era pecado), *não é necessário pecar mais!* Agora quando fazemos boas obras, Deus as vê como boas obras. O nosso batismo em Cristo acabou com o poder tirânico do pecado sobre nós e *nos* deu poder sobre *ele* (Gl.2:20). Que vergonha quando falhamos em *usar* nosso poder recém achado!

Isto nos lembra quando havia uma época em que as mulheres e os negros não podiam votar. Agora que lhes é permitido, é triste quando eles *não* o fazem. Semelhantemente, agora que *podemos* dizer "não" ao pecado, que vergonha é se *não* o fizermos. Anos atrás, a Biblioteca Nacional Americana fez uma campanha eficaz em

prol da leitura que dizia: "Se você *não* lê, não é melhor do que aqueles que *não podem* ler". Do mesmo modo, se *não* evitarmos pecar, não somos melhores do que os incrédulos que *não podem* evitar pecar.

A coisa mais importante para se lembrar sobre nosso batismo na morte de Cristo é que *a morte acaba com todos os relacionamentos!* A relação de casamento, o relacionamento dono/escravo que ainda estava presente nos dias de Paulo, acabou tudo na morte. E nosso batismo em Cristo também efetivamente acaba com o nosso relacionamento dono/escravo que tínhamos com o pecado. Funciona deste modo:

Quando o Senhor foi feito pecado por nós (II Co.5:21), o pecado tornou-se Seu mestre, como era antes nosso, exigindo a Sua morte, como exigira uma vez a nossa. Mas quando Ele morreu, Ele morreu para o pecado e o pecado não tem nenhuma reivindicação sobre Ele (Rm.6:4-5). E quando confiamos em Cristo, somos batizados na Sua morte, acabando assim com o *nosso* relacionamento de dono/escravo com o pecado.

"Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida" (Rm.6:4).

As palavras "para que" aqui indicam que Deus tinha um *propósito* em identificar-nos com Cristo na Sua morte e sepultamento. Era para que também Ele pudesse nos identificar com Cristo na Sua ressurreição! Depois da Sua ressurreição, o Senhor começou uma nova vida, livre do pecado *e nós também podemos começar uma nova vida!*

O Senhor ressuscitou dos mortos e foi dado *um novo começo*. O número "oito" nas Escrituras é freqüentemente associado com *novos começos*. Deus fez seis dias, um dia de descanso, então determinou que no oitavo dia começássemos uma nova semana. "Oito pessoas" (I Pe.3:20) saíram da arca depois do dilúvio, para um novo começo. Oito pessoas na Bíblia foram ressuscitadas dentre os mortos e lhes foi dado um novo começo. E assim como a ressurreição do nosso Senhor deu-lhe um novo começo, nós que somos identificados com Ele nesta ressurreição somos também dados um novo começo e encorajados a andar "*em novidade de vida*" (Rm.6:4). Que muitos crentes que almejam "começar tudo de novo" na vida, possam saber que tal aspiração não é apenas uma fantasia, mas pode ser uma realidade *em Cristo!*

"Porque, se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente, o seremos também na semelhança da sua ressurreição" (Rm.6:5).

Nosso sepultamento com Cristo na verdade foi um *plantio*. Até um menino que cresceu na cidade sabe, como este escritor, a diferença entre *plantar* e *sepultar*. O bandido *sepulta* a arma do crime, na esperança que ela nunca seja achada e a pessoa que éramos *foi sepultada "com Ele"* (v.4) para nunca mais ressuscitar. Mas o fazendeiro *planta* sementes, esperando que elas *ressuscitem novamente* e tragam frutos. E assim lemos aqui que o nosso sepultamento com Cristo foi de fato um *plantio*, porque Deus espera que ressuscitemos e tragamos frutos para Ele.

Pode-se ver uma ilustração disto quando Deus *plantou* Israel em Canaã (Is.5:1-7) e expeliu todas as "pedras" das nações canaanitas, esperando fruto espiritual de todo o Seu esforço a favor de Israel (v.2). Quando eles trouxeram somente os frutos selvagens do pecado Deus estava perplexo, porque Ele não poderia fazer mais nada para eles do que já havia feito (v.4). Da mesma maneira, Deus não poderia fazer mais nada por *nós* do que Ele já fez. Que não tragamos o fruto selvagem do pecado em resposta a todo Seu esforço a nosso favor.

Visto que morremos e estamos sepultados com Cristo, "seremos também na semelhança de Sua ressurreição" e vamos ressuscitar dos mortos fisicamente com Ele se o Senhor tardar. Mas porque Paulo fala *disto aqui?* Certamente é porque Deus quer que vivamos a vida ressurreta *agora, nesta vida* (Fp.3:11). Quando ressuscitarmos da morte física, não pecaremos mais e Deus quer que vivamos este tipo de vida *agora!*

Em Atos 1:3 aprendemos como o Senhor viveu Sua vida ressurreta na Terra quando lemos que Ele "*se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis*". Bem, se é para andarmos "na semelhança da Sua ressurreição", deveríamos demonstrar que estamos vivos *espiritualmente* por muitas provas infalíveis através de uma vida piedosa e segui-Lo ao *falar "das coisas concernentes ao reino de Deus"*. É claro que nos referimos ao reino proclamado por Paulo, não ao reino do céu na Terra.

"Sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos" (Rm.6:6).

Muitos crentes se perguntam por que ainda têm problemas com seu "velho homem" se Paulo diz que ele está crucificado. Mas enquanto que Paulo diz que "fomos" batizados na morte de Cristo (v.3-4), conjugado no tempo passado, ele diz que o nosso velho homem "é" crucificado com Ele, *no tempo presente*. A crucificação romana significava uma morte *certa*, mas nunca significava uma morte *imediate*. Se alguém libertasse um crucificado se arriscava em também morrer, então, de qualquer modo, era certo que a morte seguiria a crucificação. Mas um homem crucificado freqüentemente demorava horas e até dias para morrer. E é assim também com o nosso "velho homem". O seu fim é certo, porque a morte ou o Arrebatamento vai nos livrar do velho homem para sempre, mas enquanto isto, ele permanece.

No entanto, o leitor deveria se sentir encorajado lembrando-se que com suas mãos e pés pregados numa cruz, um homem crucificado não tinha poder para obrigar alguém a fazer qualquer coisa. Do mesmo modo, nosso velho homem não tem *poder* na nossa vida para nos *fazer* pecar. Homens crucificados *podem*, porém, *falar* e isto explica porque ainda temos problemas com o nosso velho homem. Ele não é tímido em *sugerir* o mal em todas as oportunidades, mas possa Deus nos ajudar a tratá-lo como a impotente influência que ele tem sobre nossas vidas.

Embora o Senhor ensinasse que se um olho faz tropeçar deve ser arrancado e se uma das mãos faz tropeçar deve ser cortada fora, isto ainda permitiria ficar com um olho e uma mão para continuarmos a pecar! O que o Senhor nos oferece hoje através de Paulo, é muito melhor, porque o nosso velho homem é crucificado com Cristo "para que o *corpo* do pecado seja destruído".

"Porquanto quem morreu está justificado do pecado" (Rm.6:7).

A morte termina com todos os relacionamentos terrestres. A morte era a única esperança de liberdade para os escravos no início dos Estados Unidos. Imagine a frustração de Abraão Lincoln (presidente dos EUA entre 1861 a 1865) quando, depois de libertar os escravos, muitos deles escolheram ficar com seus donos! Então, imagine a frustração de *Deus* quando depois de Ciro libertar Israel da sua escravidão (cativo na Babilônia), apenas cerca de cinquenta mil voltaram para Israel (Esdras 2:64-65). Agora imagine a frustração de Deus, quando "*quem morreu está justificado do pecado*", mas *continua* a pecar!

"Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos" (Rm.6:8).

Aqui Paulo fala da certeza da nossa vida futura, vivendo e reinando com Cristo no céu. Por que lembrar isto aqui? Bem, se *realmente* acreditarmos que viveremos e reinaremos com Cristo, viveremos uma vida melhor neste *tempo presente – hoje*.

Um presidente eleito em outubro não diz a si mesmo: "Eu tenho dois meses até assumir o cargo, é melhor eu aproveitar a vida agora porque depois terei que me comportar." Se ele fizesse isto, a mídia não lhe daria trégua! Do mesmo modo, nós que somos destinados a substituir os principados e poderes caídos e governar

com Cristo nos céus, somos "os principados eleitos". E enquanto não assumirmos o cargo, já fomos eleitos e deveríamos estar refletindo sobre a dignidade do nosso cargo futuro *agora, nesta vida*.

"Sabedores de que, havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte já não tem domínio sobre ele. Pois, quanto a ter morrido, de uma vez para sempre morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus. Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus" (Rm.6:9-11).

O Senhor Jesus Cristo ainda não assumiu o Seu cargo, pois Satanás ainda é "o deus deste século" (II Co.4:4). Mesmo assim Ele já se considera vivo para Deus e já está refletindo a dignidade do Seu cargo futuro. Aqui Paulo está nos encorajando a considerarmos que o mesmo seja verdade de nós mesmos, que morremos para o pecado com Ele. Que nós também possamos viver para Deus!

Observe que Deus não nos pede para morrermos para o pecado. Ele simplesmente pede para nos considerarmos que já estamos mortos, o que é muito mais fácil. Assim como é mais fácil para os americanos contemporâneos se considerarem mortos para a Inglaterra do que foi em 1776 (época da Guerra da Independência Americana) para os americanos que tiveram que lutar nesta batalha. Deus não quer que sejamos como os soldados japoneses que não tinham ouvido que a II Guerra Mundial tinha acabado e eram freqüentemente achados escondidos anos depois nas Ilhas do Oceano Pacífico, ainda lutando numa guerra que tinha acabado há muito tempo. Ele prefere que simplesmente descansemos na vitória que Ele venceu sobre o pecado no Calvário!

Mas reconhecer que a batalha acabou e que estamos mortos para o pecado pode realmente nos ajudar? Deus diz aqui que sim e vemos uma semelhança quando ouvimos alguém dizer: "Tudo que eu precisava para vencer era achar alguém que acreditasse em mim." Bem, *o próprio Deus* crê que estamos mortos para o pecado e isto deveria nos dar uma força semelhante para reconhecermos que de fato é assim (II Co.5:21).

Quando este escritor era jovem, freqüentava uma reunião para jovens onde esta verdade foi retratada de um modo bem realista. Uma tábua de madeira foi estendida sobre dois baldes de metal invertidos. Uma adolescente teve os olhos vendados e pediram para que ela ficasse de pé no meio da tábua. Um narrador instruiu a dois jovens fortes para cuidadosamente levantar as pontas da tábua uns cinco centímetros dos baldes. O narrador então continuou "a descrever" como a garota estava sendo levantada tão perto do teto que ela deveria se agachar, ainda que os jovens (que receberam instruções anteriormente sobre o que fazer) estavam segurando-a a poucos centímetros do chão. Quando a garota se agachou para evitar bater a cabeça no teto, ela perdeu o equilíbrio e caiu da tábua. Tudo isto aconteceu porque ela considerou que algo fosse verdade na sua posição na vida e que simplesmente não era.

Do mesmo modo, se nós nos considerarmos vivos para o pecado e propensos a cair, é como cumprir-se uma profecia. Mas se nos considerarmos mortos para o pecado e vivos para Deus, isto também se tornará uma profecia cumprida!

E então, do mesmo modo que o presidente eleito imediatamente começa a refletir a posição dada a ele pelos eleitores, nós deveríamos refletir a posição que Deus já nos deu em Cristo. Que insulto aos eleitores seria para um homem viver em desgraça uma vez eleito para um cargo elevado. Possamos nós, como crentes, nunca escolher envergonhar a graça que nos salvou!

Um Guia Para Uma Vida Piedosa

PARTE II

"Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões" (Rm.6:12).

Antes de sermos salvos, o pecado *reinava* em nossas vidas e não da maneira simbólica que os reis de hoje reinam. Os reis na época da Bíblia eram *verdadeiros déspotas* e é neste sentido que o pecado reinava em nossas vidas como incrédulos. É neste sentido que o pecado *influenciava inteiramente* a nossa vivência! Naquela época, não tínhamos uma escolha no assunto, uma vez que tudo que fazíamos era pecado. Mas agora, ainda que o melhor crente possa cair no pecado, *não é preciso deixar que o pecado reine nas nossas vidas!*

Acreditamos que Paulo menciona o nosso corpo "mortal" aqui para lembrar-nos que enquanto nosso espírito é salvo da morte eterna, o nosso corpo mortal ainda está sujeito à morte física e *o pecado acelera a morte!* Por exemplo, a bebedeira constante destruirá nossa saúde. Quando o pecado avança a nível criminal, tal atividade criminosa aumenta as chances de sermos mortos a tiros pela polícia ou condenados à morte pelos tribunais. E mesmo se nunca formos pegos e trazidos à justiça, o medo constante de ser preso causa estresse, um contribuinte bem conhecido da pressão alta e doenças do coração. E este medo de ser pego é algo que afeta até os mentirosos e outros transgressores menores. Então, não é de se admirar que Paulo afirme em outros lugares, que obedecer aos pais que nos advertem sobre o pecado, promoverá a longevidade (Ef.6:1-3). E também não é de se admirar que ele mencione nossa mortalidade aqui, pois é para nos encorajar de evitar estas ameaças assassinas comumente conhecidas como *pecados*.

"Nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado, como instrumentos de iniquidade; mas ofereci-vos a Deus, como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros, a Deus, como instrumentos de justiça" (Rm.6:13).

Quando éramos incrédulos e *tínhamos* que pecar porque tudo o que fazíamos era pecado, não estávamos nos *submetendo* ao pecado, porque o submeter sugere que temos uma escolha. Ao invés disto, estávamos *obedecendo* a um déspota supremo que tinha controle absoluto sobre o nosso ser. Mas agora podemos fazer o que não podíamos fazer quando éramos um daqueles que se enquadrava no trecho "*não há quem faça o bem*", a respeito dos quais Paulo escreve em Romanos 3:12. Agora podemos nos submeter a Deus.

Antigamente quando os prisioneiros eram forçados a quebrar pedras o dia todo, um prisioneiro que fazia isto não estava se *submetendo* ao guarda, ele estava *obedecendo*. Mas se depois de cumprir a sua pena um ex-condenado decidisse fazer uma visita à prisão e o guarda lhe pedisse para quebrar algumas pedras para ajudá-lo na sua quota diária, ele estaria se *submetendo* a tal pedido. É claro que este homem teria que ser maluco para fazer isto! E o mesmo é verdade de crentes que se submetem a pecar depois de Cristo ter pago a nossa dívida, embora, infelizmente, só nos lembramos disto depois do fato ter ocorrido.

Deveríamos preferir submeter-nos a Deus "*como ressurretos dentre os mortos*". Mas onde vamos achar um modelo na vida para isto? Houve oito pessoas que foram ressuscitadas da morte nas Escrituras, mas a Bíblia quase não fala nada das suas vidas depois que foram ressuscitadas. Talvez isso seja uma omissão proposital da parte de Deus, deixando somente *o exemplo pós-ressurreição do Senhor* como nosso modelo. Possa cada um de nós fazer melhor do que Ezequias, que não foi levantado dos mortos, mas a ele foi dada uma nova chance na vida depois de adoecer com uma doença mortal (II Re.20:1-6). Como é triste ler que "*não correspondeu*

Ezequias aos benefícios que lhe foram feitos" (II Cr.32:24-25). Que estas palavras não sejam ditas de nós no Tribunal de Cristo, onde será determinado como servimos ao Senhor com a nova vida que foi nos dado à luz de tudo que Ele fez por nós.

Sabemos isto sobre a vida depois da morte: de acordo com o folclore somente um *fantasma* permanece perto da sua antiga "assombração" na tentativa de viver novamente a antiga vida que gozava antes de morrer. Um homem *ressurreto* atende à admoestação de Paulo de buscar "*as coisas lá do alto*" e pensar "*nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra*" (Col.3:1-2). Que Deus nos ajude do mesmo modo a esquecer as "*coisas que para trás ficam*" (Fp.3:13).

"Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e sim da graça" (Rm.6:14).

Paulo explica aqui a *razão* do pecado não mais ter domínio absoluto sobre nós, como quando éramos incrédulos: "*porque não estais debaixo da lei e sim da graça*". Na dispensação da graça, somente os incrédulos estão debaixo da lei (Rm.3:19; ITm.1:9-10). "A força do pecado é a lei" (I Co.15:56) e sem ela o pecado não tem nenhuma capacidade de nos dominar, como veremos quando chegarmos a Romanos 7.

"E daí? Havemos de pecar porque não estamos debaixo da lei, e sim da graça? De modo nenhum!" (Rm.6:15).

Quantas vezes já ouvimos: "Não se pode dizer às pessoas que agora estamos debaixo da graça, porque viverão as suas vidas do jeito que quiserem." Entretanto, como alguém falou corretamente, a graça muda o nosso "*querer*"! Isto é, a graça muda como queremos viver. O Senhor disse a Bartimeu: "*Vai*", mas lemos em seguida que "*ele imediatamente seguia Jesus estrada fora*" (Mc.10:52). Ele estava sendo desobediente? *Não!* Agora o seu caminho era o caminho do Senhor! E isto deveria ser o desejo de todo filho de Deus, comprado com o Seu sangue: seguir o Senhor Jesus no Seu caminho.

Como podemos chegar a pensar em continuar a pecar depois que Cristo *morreu* por nossos pecados? O assassino da Máfia sabe que não há como sair do crime organizado senão pela morte. Mas, e se o seu irmão gêmeo se voluntariasse para morrer a fim de enganar a Máfia, fazendo-a pensar que o assassino havia morrido? Tal sacrifício nobre seria grandemente desonrado se o irmão continuasse a servir o crime organizado. Do mesmo modo, o mais nobre Sacrifício da história é desonrado quando continuamos a pecar depois de o Senhor ter morrido para nos salvar dos nossos pecados.

"Não sabeis que daquele a quem vos oferecis como servos para obediência, desse mesmo a quem obedecis sois servos, seja do pecado para a morte ou da obediência para a justiça?" (Rm.6:16).

No começo dos anos 60 havia um programa na TV chamado *Rainha por um Dia*, no qual a mulher com a história mais merecedora era coroada, vestida de veludo vermelho e tratada como uma rainha, com direito a uma noite de diversão totalmente paga acompanhada por seu marido. Ela era, na realidade, uma rainha do nada e de ninguém, mas por uma noite era tratada como se fosse uma rainha de verdade. Semelhantemente, o pecado não é mais nosso mestre, mas quando nós nos submetemos a ele, fazemos dele o nosso rei e somos seus servos por aquele momento de nossas vidas.

É importante que se diga algo sobre a "*morte*" mencionada aqui. Como muitas palavras bíblicas, a palavra "morte" tem vários significados. Há a morte *física*, é claro, a morte *espiritual* (Ef.2:1) e a "*segunda morte*" (Ap.20:14). Em cada um destes casos a palavra tem a idéia de *separação*, porque na morte espiritual, a alma e o espírito são separados do corpo (Gn.35:18), na morte espiritual a alma e o espírito são separados de Deus (Ef.2:1;4:18) e a morte eterna a alma e o espírito são separados de Deus por toda eternidade (Ap.20:15).

Mas aqui em Romanos, há uma coisa que gostamos de chamar de morte *cristã*, uma condição onde todos os sinais vitais do crente estão "zerados" e não há evidência da vida espiritual. É o *pecado* que tem este efeito mortal nas nossas vidas espirituais. Mas quando isso ocorre, não precisamos ser *salvos* de novo, simplesmente temos que *acordar*. É para os *crentes* que Paulo diz: "Desperta tu que *dormes* e levanta-te de entre os *mortos*..." (Ef.5:14). Crentes que morreram em pecado devem tornar "*à sabedoria*" e *não pecar* (I Co.15:34).

Também deve ser dita alguma coisa sobre a "*justiça*", que é tida como sendo a recompensa pela *obediência*. Todo crente verdadeiro sabe que "com o coração se *crê* para justiça" (Rm.10:10) e esta justiça não pode ser obtida pelas nossas obras (Rm.4:5). Mas isto é dito da nossa *posição* de justiça diante de Deus, "o *dom* da justiça" que recebemos quando cremos em Cristo (Rm.5:17). Quando Paulo fala aqui da "obediência para a justiça" ele se refere à justiça *prática* que vem da obediência a Deus (I Tm.6:11; II Tm.2:22; 3:16).

"Mas graças a Deus porque outrora escravos do pecado, contudo viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues, e, uma vez libertados do pecado fostes feito servos da justiça" (Rm.6:17-18).

Quando éramos incrédulos, éramos "*escravos do pecado*", incapazes da "*obediência para a justiça*". Mas quando fomos salvos nos tornamos "servos da justiça". Enquanto que agora podemos escolher servir ao pecado ou a justiça, *somos*, sim, servos da justiça, livres para sempre da tirania do pecado.

"Falo como homem, por causa da fraqueza da vossa carne. Assim como oferecestes os vossos membros para a escravidão da impureza e da maldade para maldade, assim ofereci agora os vossos membros para servirem a justiça para a santificação" (Rm.6:19).

Falar "*como homem*" significa dar uma ilustração do mundo dos homens (Gl.4:15) e a enfermidade da nossa carne que Paulo menciona aqui é que muitas vezes precisamos de tais ilustrações para entender a verdade divina. Aqui Paulo hesita em comparar o modo que vivemos para o Senhor com o modo que costumávamos viver para o pecado e então qualifica a comparação com esta ressalva. Entretanto, a comparação é tão boa que ele não ousou ignorá-la. A palavra "*assim*" (usada duas vezes neste versículo) indica que devíamos servir ao Senhor agora como costumávamos servir o pecado, isto é, *com toda nossa força!* Devíamos servir ao Senhor com tanto entusiasmo quanto costumávamos servir a nós mesmos e nossos próprios interesses e desejos.

"Porque, quando éreis escravos do pecado, estáveis isentos em relação à justiça" (Rm.6:20).

Se devemos viver para o Senhor "*assim*" como vivíamos para nós mesmos, Paulo está colocando diante de nós um poderoso desafio, porque quando servíamos o pecado, o servíamos *exclusivamente*, sendo absolutamente "*isentos em relação à justiça*". Servir ao Senhor desta maneira agora significaria servi-Lo *exclusivamente*, totalmente livres do pecado. Nada menos que este objetivo elevado deveria ser o expressivo desejo de nossos corações.

"Naquele tempo, que resultado colhestes? Somente as cousas de que, agora, vos envergonhais, porque o fim delas é morte" (Rm.6:21).

Pela ordem de Deus, uma árvore frutífera produz frutos "*segundo a sua espécie*" (Gn.1:11). "*Toda árvore má produz frutos maus*" (Mt7:17) e o fim deste tipo de fruto no incrédulo é pecado e morte.

"Agora, porém, libertados do pecado, transformados em servos de Deus, tendes o vosso fruto para a santificação e, por fim, a vida eterna" (Rm.6:22).

Agora que não pertencemos mais ao pecado, mas ao invés disto a Deus, o "*fruto de justiça*" (Fp.1:11) que produziremos não é mais considerado auto-justiça pecaminosa, mas, sim, "*santificação*" que termina em "*vida eterna*".

Mas como a vida eterna pode ser o "fim" do fruto da santificação quando Paulo claramente ensina que é "*pela graça*" que recebemos a "*vida eterna*" (Tt.3:7)? Ah, aqui o apóstolo fala da vida eterna que podemos aproveitar *nesta* vida. Isto é semelhante ao que Paulo diz de nós que já *possuímos* a vida eterna: podemos tomar "*posse da vida eterna*" por combater o bom combate da fé e por investir nossas finanças na obra do Senhor e do Seu povo (I Tm.6:11-12,17-19). Crentes que vivem somente para si mesmos e gastam seu dinheiro de forma egoísta, estão tomando posse *desta* vida.

"Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor" (Rm.6:23).

Este é um versículo que freqüentemente usamos quando compartilhamos o evangelho com incrédulos, mas Paulo, na verdade, não está se dirigindo ao incrédulo neste capítulo, mas sim, falando aos crentes. Isto não significa, entretanto, que não devemos usar este versículo quando falamos de Cristo com os outros, porque o princípio que Paulo está citando é verdadeiro. O salário que o incrédulo ganha por seu pecado é a morte física, a espiritual e a morte eterna e aceitar a vida como um presente de Deus é sua única esperança. O ponto de vista de Paulo, entretanto, é ensinar-nos que o pecado continuará a ter um efeito amortecedor em nossas vidas até mesmo depois de sermos salvos. Mas, graças a Deus, Seu presente para com os crentes é que agora podemos tomar posse da vida eterna que é a nossa única esperança de desfrutar a rica e gratificante vida que Ele reserva para nós como Seus filhos. Possa isto ser o desejo de nossos corações também!

Um Guia Para Uma Vida Piedosa

PARTE III

"Porventura, ignorais, irmãos (pois falo aos que conhecem a lei), que a lei tem domínio sobre o homem toda a sua vida?" (Rm.7:1).

Os comentaristas bíblicos gostam muito de debater se Paulo aqui se refere à *Lei Romana* ou à *Lei de Moisés*, mas o ponto de vista do apóstolo é o mesmo nos dois casos. A morte termina com todos os relacionamentos terrestres, incluindo a relação do homem com a Lei! Para ilustrar esta questão Paulo cita este exemplo:

"Ora, a mulher casada está ligada pela lei ao marido, enquanto ele vive; mas, se o mesmo morrer, desobrigada ficará da lei conjugal" (Rm.7:2).

A morte termina com todos os relacionamentos, incluindo a relação entre o marido e a esposa. Paulo vai ilustrar nosso relacionamento com a Lei de Moisés, comparando-a com a relação entre o homem e sua esposa.

"De sorte que será considerada adúltera se, vivendo ainda o marido, unir-se com outro homem; porém, se morrer o marido, estará livre da lei e não será adúltera se contrair novas núpcias. Assim, meus irmãos, também vós morrestes relativamente à lei, por meio do corpo de Cristo, para pertencerdes a outro, a saber, aquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que frutifiquemos para Deus" (Rm.7:3-4).

Aqui vemos o ponto principal da ilustração de Paulo. Quando éramos incrédulos, éramos casados com a Lei e não podíamos estar casados com Cristo enquanto estivéssemos presos à Lei. Mas como a morte termina com o relacionamento entre a esposa e o marido, assim a morte também terminou com o relacionamento entre crentes e a Lei de Moisés! Como aprendemos em Romanos 6 quando Cristo morreu, Ele morreu para a Lei, e nós morremos com Ele!

Pode ser que se tenha curiosidade em saber por que alguém *desejaria* que o seu relacionamento com a Lei de Deus acabasse, então vamos ampliar a ilustração de Paulo. Imagine uma mulher casada com um homem que está constantemente apontando suas falhas. Nada que ela faça é bom o bastante. Ela não mantém a casa perfeita. Ela não disciplina as crianças o suficiente. Ela é uma cozinheira terrível! Debaixo da lei, ela não tinha escolha. Sob estas críticas constantes, ela apenas podia ficar lá sentada e *agüentar!*

Esta é uma perfeita descrição da Lei! A Lei está constantemente apontando as nossas falhas. Somos muito avarentos! Não honramos nossos pais! Estamos sempre camuflando a verdade quando falamos desta maneira! Como incrédulos debaixo da Lei, não tínhamos escolha. Sob estas críticas constantes, apenas podíamos ficar sentados e *agüentar!* Esta exigência pela perfeição (Josué 2:10-11) é o que finalmente nos levou a Cristo.

Mas uma vez que somos salvos, a Lei não se torna menos exigente. Ela *continua* a apontar as nossas falhas. Mas graças a Deus, não temos mais que apenas ficar sentados e *agüentar!* Nós nos tornamos *mortos "à Lei, por meio do Corpo de Cristo"* e a morte termina com todos os relacionamentos! Como crentes debaixo da graça, estamos livres da Lei que continua a exigir perfeição de seres ainda imperfeitos, uma tirania que leva a um sentimento de derrota e desespero.

Mas como nos *tornamos* mortos para a Lei? Paulo diz que foi *"pelo corpo de Cristo"*, isto é, por Seu corpo *físico*. Mas aqui precisamos tomar cuidado. Não nos tornamos mortos para a Lei pelo *nascimento* do corpo

físico de nosso Senhor, porque Ele nasceu debaixo da Lei (Gl.4:4; Lc.2:21-24). Também não nos tornamos mortos para a Lei pela *vida adulta* do corpo do Senhor, pois como homem Ele obedeceu a Lei e ensinou outros também a obedecê-la (Mt.8:4; 23:1-3). Não, foi pela *morte* física do corpo do Senhor que nos tornamos livres da Lei. Quando Ele morreu, morreu para a Lei e *nós morremos com Ele!*

E a Lei morreu para nós, porque Colossenses 2:14 diz que quando Cristo morreu, Ele encravou a Lei na Sua cruz. Então nos tornamos livres para estar casados com outro, "*aquele que ressuscitou dentre os mortos*", o Senhor Jesus Cristo! Se alguém estiver imaginando porque se teria o desejo de estar casado com o Senhor, a resposta seria "*para que frutifiquemos para Deus*".

Um dos propósitos do casamento é ser "*fecundo*" (Gn.1:22). Quando éramos casados com a Lei como incrédulos, não podíamos trazer frutos de boas obras para Deus (Rm.6:21). Nossas obras de justiça eram consideradas obras de justiça *própria* (Is.64:6) e Deus rejeita as obras de justiça própria.

Debaixo da lei, se um homem morresse sem filhos, seu irmão poderia se casar com a esposa dele e ter filhos que o falecido irmão não pôde ter (Dt.25:5-6). Do mesmo modo, agora que somos casados com Cristo, podemos trazer "*fruto para a santificação*" que o nosso casamento com a Lei não podia produzir em nós (Rm.6:22). Agora, quando fazemos boas obras, elas são consideradas boas obras por Deus e podemos ser frutíferos "*em toda boa obra*" (Cl.1:10; Ef.2:10; Tt.2:14).

Como se sabe, debaixo da Lei se um homem se recusasse a casar-se com a esposa de seu irmão, ela descalçava sua sandália e lhe cuspiam na face (Dt.25:7-10). Quando o Senhor recusou permitir que Israel O tornasse Rei antes da Sua morte (Jo.6:15), parecia que Ele estava se recusando a casar-se com ela e levantar sementes ("suscite descendência") onde a Lei tinha falhado. Mas quão precioso é saber que quando eles O desnudaram e cuspiram em Sua face no Calvário, Deus foi capaz de usar isto para levantar frutos espirituais em Israel e em nós.

"Porque, quando vivíamos segundo a carne, as paixões pecaminosas postas em realce pela lei operavam em nossos membros, a fim de frutificarem para a morte" (Rm.7:5).

Quando éramos incrédulos, estávamos em constante movimento, mas como aprendemos em Romanos 6, cada gesto que fazíamos, era pecado aos olhos de Deus. E Paulo diz que era a "*Lei*" que dava movimento ao pecado. Devido à natureza caída que herdamos de Adão, quando somos proibidos de fazer alguma coisa pela Lei, isso apenas nos motiva a querer fazer mais ainda. Durante a época da Proibição (isto é, a Lei Seca: durante os anos 1920 nos EUA, era proibida a fabricação de bebidas alcoólicas), o consumo na verdade *creceu*, porque a lei estimulava a natureza caída dos homens a querer violá-la.

E a Lei de Moisés funciona do mesmo modo. A maioria das pessoas pensa que a Lei *enfraquece o pecado*, mas Paulo diz "*a força do pecado é a lei*" (I Co.15:56). A maioria das pessoas pensa que a Lei faz o pecado diminuir, mas Romanos 5:20 diz que "*a Lei entrou para que a ofensa abundasse*".

Porque Deus daria uma Lei que fortalecesse o pecado e o fizesse abundar? Para fazer o homem ver a sua necessidade de um Salvador! Este era o propósito da Lei.

É natural ligar o movimento com a *vida*, mas assim como o homem que está "morto em pecados" pode *andar* em carnalidade (Ef.2:1-3), também incrédulos espiritualmente mortos podem produzir o gesto de justiça própria com boas obras. Mas quando eles o fazem estão realizando a justiça sem a intenção verdadeira. Eles não produzem *frutos* reais que Deus possa aceitar. Uma árvore pode somente trazer frutos "*da sua espécie*" (Gn.1:12), então frutos trazidos por um incrédulo morto espiritualmente pode somente ser "*frutos para a morte*".

"Agora, porém, libertados da lei, estamos mortos para aquilo a que estávamos sujeitos, de modo que servimos em novidade de espírito e não na caducidade da letra" (Rm.7:6).

Quando vemos a palavra "*libertados*" pensamos em como a salvação nos libertou de coisas como o "*poder das trevas*" (Cl.1:13). Mas também precisamos ser libertados da condenação da Lei! A palavra grega para "*libertados*" aqui, é mais freqüentemente traduzida por "*destruída*", então Paulo está dizendo que fomos libertados da Lei pela destruição da Lei e a nossa relação com ela. Como "*estávamos mortos para aquilo que estávamos sujeitos*", somos então livres para casar com Cristo e servir a Deus "*em novidade do Espírito, e não na caducidade da Lei*".

Qual é a diferença? Quando os nazistas rodeavam Paris, foi dito a seus cidadãos para ficar de pé nas ruas e aclamá-los, uma ordem que eles obedeceram por medo do que poderia ser feito com eles se não obedecessem. Mas quando os aliados libertaram Paris, a mesma aclamação foi motivada pelo poder que estava redimindo-os dos seus inimigos. Do mesmo modo, o incrédulo faz boas ações pelo medo do que Deus fará com ele se não o fizer. Mas, uma vez salvos pela graça, as mesmas boas ações são motivadas por um amor verdadeiro para com o nosso Redentor.

"Que diremos, pois? É a lei pecado? De modo nenhum! Mas eu não teria conhecido o pecado, senão por intermédio da lei; pois não teria eu conhecido a cobiça, se a lei não dissesse: Não cobiçarás" (Rm.7:7)

Paulo sabe que seus leitores ficarão atribulados com a afirmação de que a Lei dá movimento ao pecado, então ele se apressa a adicionar que a Lei, por ela mesma, não é pecado. Ele não saberia o que o pecado era sem a Lei "*porque pelo conhecimento da Lei é que vem o conhecimento do pecado*" (Rm.3:20). E se ele nunca tivesse conhecido o pecado, nunca poderia chegar a conhecer Cristo, porque "*a Lei nos serviu de aio para nos trazer a Cristo, para que fôssemos justificados pela fé*" (Gl.3:24)

A Lei é como uma máquina de raio X ou a de tomografia de ressonância magnética, ambas podem revelar o que você tem de errado, mas nenhuma delas pode fazer qualquer coisa para resolver o problema. Do mesmo modo, a Lei pode mostrar ao pecador o seu pecado, mas não tem poder algum para salvá-lo dele. Na vida do crente, a Lei pode ser um excelente *termômetro*, revelando se a temperatura do pecado é alta, ou não, na vida dele. Mas não tem nenhum poder para agir como *termostato* (regulador de temperatura), isto é, não tem poder algum para *regular* o pecado.

"Mas o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, despertou em mim toda sorte de concupiscência; porque, sem lei, está morto o pecado. Outrora, sem a lei, eu vivia; mas, sobrevindo o preceito, reviveu o pecado, e eu morri" (Rm.7:8-9).

Até aqui Paulo esteve falando sobre a Lei e seu efeito sobre "nós" (vs.4,5,6) quando éramos ainda incrédulos. Paulo agora muda para o pronome pessoal "eu" indicando que está próximo de dar um testemunho pessoal com respeito ao seu relacionamento com a Lei *depois* que ele foi salvo.

Paulo estava "vivo sem a Lei", isto é, ele foi salvo e se tornou espiritualmente vivo como todos nós nos tornamos, pela graça através da fé, sem as obras da Lei (Rm.3:20,28). A graça ensinou-o a negar a impiedade e as paixões mundanas, e a viver sua vida "*sensata, justa e piedosamente*" (Tt.2:11-12) e ele evitou o mal com todo o vigor e entusiasmo de um filho de Deus recém salvo.

Então, como todos nós, ele pensou que a Lei o ajudaria a lidar melhor com o pecado. Mas "*quando o mandamento veio*", isto é, quando ele introduziu a Lei na sua vida para tentar ajudá-lo com o pecado, ela teve o efeito oposto. Como ele se expressa: "*quando o mandamento veio, o pecado reviveu*".

Temos visto que a Lei incita o incrédulo a pecar e faz com que eles vejam a sua necessidade de um Salvador. Mas a Lei tem o mesmo efeito no crente! Quando somos salvos, recebemos do Senhor uma nova natureza, mas não perdemos a velha natureza pecaminosa que quer pecar muito mais quando é mandada não pecar. Então quando Paulo se colocou debaixo da Lei, a Lei continuou a fazer o que ela fazia antes de sermos salvos, dar movimento ao pecado e "*reviveu o pecado*". O pecado adormeceu quando Paulo foi salvo pela graça, mas, ele inadvertidamente o reviveu com a aplicação da Lei.

Como Paulo se expressa, o pecado *aproveitou-se* da Lei. Quando um orador público diz: "Eu gostaria de aproveitar esta ocasião para...", ele quer dizer que vai aproveitar a oportunidade para se dirigir a uma platéia com um propósito diferente daquele pelo qual eles se reuniram. Isto às vezes é feito por algumas celebridades quando recebem um prêmio e aproveitam a grande audiência que a cerimônia tem na mídia para fazer uma declaração política. No nosso texto, Paulo não introduziu a Lei na sua vida espiritual para operar nele com "*toda a sorte de concupiscência*", mas a Lei se aproveitou para fazer exatamente isso!

Quando Paulo foi salvo "*sem Lei, está morto o pecado*". Mas quando ele convidou a Lei para dentro da sua vida, o pecado reviveu e então mudou tudo. Ele "morreu", isto é, ele morreu a morte *espiritual* sobre a qual falamos antes, onde a *experiência cristã* do crente murcha e morre. (Veja os comentários sobre Romanos 6:16.)

"E o mandamento que me fora para vida, verifiquei que este mesmo se me tornou para morte" (Rm.7:10).

Paulo sabe que seus leitores serão atribulados com sua afirmação adicional que a Lei dá ocasião à carne e então ele se apressa a afirmar que a lei foi dada "*para vida*". Repetidas vezes a Bíblia declara que se um homem pudesse manter a Lei de forma *perfeita*, Deus o recompensaria de bom grado com a vida eterna (Lv.18:5; Lc.10:25-28; Rm.2:6-7; 10:5). Mas as palavras "*todo*" e "*permanecer*" em Gálatas 3:10 indicam que Deus exige *100% de obediência* à Lei, *100% do tempo*! Visto que isto é algo que nenhum incrédulo conseguirá, a Lei ficou conhecida como o "*ministério da morte*" (II Co.3:7).

Mas quando Paulo aplicou a Lei à sua vida depois que foi salvo, ele aprendeu o que nós todos aprendemos quando seguimos o seu exemplo: não temos mais capacidade de guardar a Lei de modo perfeito agora que somos salvos do que quando estávamos perdidos! Ele logo descobriu que todos os seus sinais vitais estavam "zerados" e que precisava acordar do sono desta "*morte*" (cf. Ef.5:14).

"Porque o pecado, prevalecendo-se do mandamento, pelo mesmo mandamento, me enganou e me matou" (Rm.7:11).

Imagine que um amigo seu toma um remédio que *pensa* que está salvando a sua vida, mas depois fica sabendo que ao invés disto, estava o matando! É o mesmo caso com o crente e a Lei. Ele *pensa* que ela o ajuda, mas na verdade está o *matando*! É desta forma que o pecado *enganava* Paulo e engana a nós todos!

"Por conseguinte, a lei é santa; e o mandamento, santo, e justo, e bom" (Rm.7:12).

Paulo também diz que a Lei é "*boa*" em I Timóteo 1:8, mas lá ele explica que ela é somente boa "*se alguém dela se utilizar de modo legítimo*". Paulo então continua a explicar que a "*lei não é dada para o homem justo*", isto é, para os *crentes*. O único uso legítimo da Lei é trazer à convicção do pecado a "*transgressores e rebeldes*", para levá-los ao Salvador.

"Acaso o bom se me tornou em morte? De modo nenhum! Pelo contrário, o pecado, para revelar-se como pecado, por meio de uma coisa boa, causou-me a morte, a fim de que, pelo mandamento, se mostrasse sobremaneira maligno" (Rm.7:13)

Aqui Paulo se apressa a adicionar que não foi a *Lei* que o matou, mas sim o *pecado* operando *pela* Lei. Paulo sabe que os homens gostam de achar falhas nas leis que os condena. Quando alguém recebe uma multa por excesso de velocidade, não é porque estava correndo muito rápido, é lógico, é porque o limite de velocidade era muito baixo! *Nós* não estamos errados, é a *lei* que está errada! Aqui, Paulo se apressa para explicar que não estava dizendo que havia alguma coisa errada com a Lei de Moisés.

Assim como a Lei fez o pecado piorar nos incrédulos, a Lei também faz o pecado ser "*sobremaneira maligno no crente*". É claro que no incrédulo Deus é capaz de tirar proveito do poder da Lei para fazer o pecado pior, usando-o para levá-lo a Cristo. Mas Deus pode tirar proveito desse poder quando a Lei torna o pecado pior no crente? Acreditamos que Deus pode tirar proveito do efeito da Lei na vida do crente de dois modos.

Primeiro, já ouvimos dizer que quando alguns pais pegam um dos seus filhos fumando, eles fazem com que este fume um cigarro atrás do outro – até ele chegar a vomitar e nunca mais querer fumar de novo! Esta é uma técnica que Deus usou frequentemente com Israel. "*Vinde a Betel e transgredi*" soa como uma coisa estranha para Deus dizer (Amós 4:4), mas Ele disse isso somente depois de ter constantemente avisado-os para *não* pecar (Sl.81:11-13; Ec.11:9; Ez.20:39; Mt.23:29-32). É somente quando o homem se faz de surdo para o chamamento de Deus de se arrepender que vemos coisas como "*Deus os entregou às paixões infames*" (Rm.1:24,26,28). Deus guarda esta tática severa por último, mas finalmente a emprega na esperança que os homens sentirão repugnância pela sua própria pecaminosidade.

Este então é o primeiro modo pelo qual Deus tira vantagem do poder da Lei, para tornar o pecado pior no crente. Assim como a Lei leva o crente a pecar, eventualmente ele sente nojo da sua conduta depravada. E o segundo modo no qual Deus tira proveito dos efeitos da Lei na vida do crente, é quando a Lei faz o homem se dar conta de que ela não é resposta para reprimir o pecado em sua vida.

Um Guia Para Uma Vida Piedosa

PARTE IV

"Porque bem sabemos que a lei é espiritual; eu, todavia, sou carnal, vendido à escravidão do pecado" (Rm.7:14).

O reconhecimento de Paulo que foi "*vendido à escravidão do pecado*" levou alguns a acreditarem que ele se refere nesta passagem à sua antiga vida de incrédulo. Entretanto, qualquer pessoa que *comete* o pecado *se vende ao pecado* (I Re.21:20,25; II Re.17:17; Is.50:1; 52:3). Graças a Deus, nós, que somos salvos, fomos *remidos* ou *comprados de volta* do pecado pelo sangue de Cristo (Ef.1:7). Porém, ainda se espera "*o dia da redenção*" (Ef.4:30) que acontecerá no Arrebatamento, um dia no qual nossos *corpos* serão remidos (Rm.8:23). Até aquele dia, as nossas almas são remidas, mas os nossos corpos permanecem *vendidos "à escravidão do pecado"*, como Paulo diz aqui em Romanos 7:14. Sob a análise microscópica da Lei, até mesmo a carne *salva* não consegue passar pela inspeção de Tiago 2:10-11 e deve ser lembrado que aqui em Romanos 7 Paulo está descrevendo o que ele experimenta quando se coloca debaixo da Lei de Moisés.

"Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e sim o que detesto" (Rm.7:15).

Neste versículo temos que ter cuidado para não atribuir o significado mais comum à palavra "compreender". Geralmente, quando *compreendemos* alguma coisa, isto significa que a *aceitamos*, mas este não pode ser o significado aqui, porque se Paulo não permitiu que ele mesmo pecasse, *não pecaria!* Outro significado secundário da definição da palavra "permitir" é "*aprovar*". O Senhor disse aos perversos advogados da Sua época: "*e aprovais com cumplicidade as obras dos vossos pais*" (Lc.11:48), isto é, os seus ancestrais que tinham matado os profetas (Lc.11:45-48). Aqui a palavra "permitir" não pode significar *permitir*, porque os advogados não tinham nascido ainda e não estavam em posição para permitir ou contestar a permissão das obras assassinas dos seus ancestrais. A palavra "permitir" aqui, obviamente significa *aprovar* e este também é o significado do nosso texto.

E então Paulo está dizendo que quando ele se coloca debaixo da Lei, ele comete pecados os quais ele não aprova. Ele preferiria fazer coisas boas, mas termina cometendo os pecados que ele odeia. Enquanto alguns observam que isto é evidência adicional que Paulo está falando dos seus dias como incrédulo, nós sugeriríamos que como a maioria dos incrédulos, Saulo de Tarso não odiava seus pecados. Embora seus pecados fossem mais da natureza de orgulho e justiça própria, ele amava-os muito, como os pecadores carnis amam os pecados da sua carne. É o *crente* que odeia o pecado que ele acaba cometendo e que quer fazer as coisas boas que acha tão difícil realizar debaixo da Lei.

"Ora, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa" (Rm.7:16).

A palavra "consinto" em português significa "*ter uma mesma mente*". A palavra no grego significa *dizer uma mesma coisa*. Portanto, Paulo está dizendo que, se quando ele pecar estiver fazendo o que não quer fazer, o simples fato que ele não quer pecar é a prova que ele concorda com a bondade e santidade da Lei.

"Neste caso, quem faz isto já não sou eu, mas o pecado que habita em mim" (Rm.7:17).

Você sente revolta quando um criminoso não é punido por um crime por que alega que ele tem "personalidade dupla" e não deve responder por suas ações? Embora temos certeza que esta doença mental existe,

lembramos da história de um criminoso que disse ao juiz que *ele* não tinha roubado a mercadoria, as *suas mãos* eram culpadas do crime. O juiz sabiamente respondeu: "Então, eu sentencio as suas mão a um ano de prisão. O resto de você está livre para ir com elas – ou não!"

Mas aqui Paulo não está se envolvendo com o mesmo tipo de transferência de culpa que aconteceu no Éden, quando Adão culpou Eva e até *o próprio Deus* – pelo seu pecado e Eva culpou a serpente. Paulo não está tentando se esquivar da *culpa*, mas ao invés disto *explica* porque um crente ainda peca. Até o Arrebatamento, o pecado continuará a habitar nos crentes e continuará a fazê-los tropeçar, especialmente quando estimulados e fortalecidos pela Lei. Mas os pecados no crente são "obras da carne" (Gl.5:19), *não as obras do próprio crente*.

"Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetuá-lo" (Rm.7:18).

Sabemos que não habita bem nenhum na carne do *incrédulo*, mas é importante lembrar que quando somos salvos, Deus não retira a nossa natureza carnal e não fará isto até o Arrebatamento. Mas "*querer*" fazer o bem está presente conosco, porque Paulo diz aos crentes que "Deus é quem efetua em vós tanto o *querer* como o realizar, segundo a sua boa vontade" (Fp.2:13).

Quando Paulo diz que ele não conseguia efetuar o bem, isto não concorda com o que lemos da sua vida de modo geral no Livro de Atos ou nas suas epístolas, as quais nos retratam um homem muito dedicado e consagrado a Deus. Por isso sabemos que ele está falando da sua experiência *debaixo da Lei*. É por causa disto que na Bíblia que leva seu nome, Dr. Scofield deu o título a esta passagem de: "*A luta entre as duas naturezas debaixo da Lei*".

"Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço" (Rm.7:19).

Repetindo o que escrevemos antes, isto só pode ser a experiência de Paulo como crente debaixo da Lei. Já mostramos que a Lei é uma arma totalmente ineficaz na luta do crente com o pecado.

A Lei certamente *parece* como algo que ajudaria com o pecado. Mas por outro lado, a gasolina é um líquido e *parece* que seria bom para extinguir um fogo. Na realidade, sabemos que a gasolina é um combustível e somente faria o fogo *piorar*. Semelhantemente, uma Lei que condena o pecado *parece* com algo que seria bom usar contra o pecado na vida do crente. Mas na realidade, devido a nossa natureza caída, só faz o pecado *piorar*, como já discutimos antes.

"Mas, se eu faço o que não quero, já não sou eu quem o faz, e sim o pecado que habita em mim" (Rm.7:20).

O leitor cuidadoso das Escrituras certamente observará que neste versículo Paulo repete a verdade que ele repartiu conosco no versículo 17. Isto ocorre porque este versículo é freqüentemente esquecido, mas, no entanto, é de importância *fundamental*. Paulo está ansioso que nós, sendo crentes, entendamos que quando pecamos, não somos *nós* que pecamos!

Depois de Paulo falar aos coríntios sobre fornicadores, bêbados e pessoas avarentas, ele acrescenta "e tais *eram* alguns de vocês" (I Co.6:9-11). Mas como Paulo podia usar o verbo no tempo passado aqui, quando alguns dos coríntios *ainda* estavam vivendo em fornicção (I Co.5:1), bebedices (11:21) e estavam cobiçando os dons espirituais uns dos outros (12:15-31)? A resposta é que *não era mais os coríntios* que estavam fazendo estas coisas, *mas o pecado que habitava neles*. E como os coríntios, a nova pessoa que Deus fez de cada um de nós em Cristo é incapaz de pecar e Deus não quer que nós, como crentes, nos sintamos culpados pelos pecados cometidos através do pecado que habita em nós.

O sentimento de culpa é uma emoção poderosa. Estudos comprovam que uma grande parte das doenças mentais mais severas pode ser relacionada a sentimentos devastadores de culpa. Como gostaríamos de sussurrar as palavras confortantes do evangelho nos ouvidos de todas as pessoas, crentes ou incrédulos, que foram levadas a doenças mentais pelo sentimento de culpa. Como gostaríamos de lhes dizer: "*Cristo morreu pelos nossos pecados... foi sepultado, e... ressuscitou*" (I Co.15:1-4) e se elas somente acreditarem em Jesus Cristo como seu Salvador, Deus *tirá* a sua culpa, deixando-as sem nada com que se sintirem culpadas.

Mas quantos *crentes* precisam ser lembrados da nossa posição sem culpa perante Deus também! Que triste que o inexprimível sentimento de alívio e liberdade da culpa que experimentamos na hora que confiamos em Cristo desaparece quando nos colocamos debaixo da Lei e vemos que mesmo sendo crentes, somos incapazes de viver na santidade absoluta que a Lei exige. Sentimentos de culpa se iniciam, e logo nos encontramos vivendo na derrota desprezível e no desespero, o tipo de sofrimento que Paulo descreve nesta mesma passagem (v.24).

É imperativo para a saúde espiritual do leitor que entenda que a palavra "culpado" por sua definição não é um sentimento, mas uma posição judicial. E a posição judicial do crente é que ele já foi perdoado, justificado e até mesmo feito "*justiça de Deus nele*" (II Co.5:21). E então quando permitimos que nossos *corações* sintam a culpa que as nossas *cabeças* sabem das Escrituras que não tem lugar nas nossas vidas, estamos convidando o tipo de angústia que Paulo descreve nesta passagem, uma carga devastadora que Deus nunca planejou para nós suportarmos.

Caro leitor, o próprio Deus está totalmente satisfeito com o pagamento que Cristo fez por *todos* os nossos pecados, passados, presentes e futuros. Quando nós, como crentes nos sentimos culpados pelos nossos pecados estamos dizendo, com efeito, que não estamos satisfeitos com o Seu pagamento, fazendo com que o nosso padrão se torne mais alto do que aquele do Todo Poderoso. *Devíamos* sentir *remorso* quando pecamos, *remorso* porque entristecemos Aquele que pagou nosso débito (Ef.4:30). Mas Deus não quer que carreguemos a conseqüência *emocional* do nosso pecado (culpa) tampouco quer que carreguemos a conseqüência *judicial* do nosso pecado ao lago de fogo. Graças a Deus que Ele nos salvou de ambos e temos somente que convencer nossos corações do que a nossa cabeça sabe ser verdade sobre isso, para gozar da indescritível "*bênção*" que Deus quer que experimentemos como Seus filhos perdoados (Rm.4:6-8).

"Então ao querer fazer o bem, encontro a Lei de que o mal reside em mim" (Rm.7:21).

Quando Paulo se colocou debaixo da Lei de Moisés, ele achou outra Lei, um princípio fixo tão certo quanto a Lei da gravidade, que quando queria fazer o bem, achava o mau presente com ele. Devido à natureza caída que herdamos de Adão e que se tornou a nossa própria quando cometemos nosso primeiro pecado, sempre iremos querer fazer o mal quando nos é dito para não fazê-lo. "*A Lei suscita [gera] a ira*" (Rm.4:15) e como a nossa natureza carnal declara, zangada: "Ninguém vai me dizer o que fazer!"

"Porque no tocante ao homem interior tenho prazer na Lei de Deus" (Rm.7:22).

O "*homem interior*" é o homem que Deus nos fez em Cristo, o "*homem interior*" que pode ser "*renovado dia após dia*" se ele for "*fortalecido com poder pelo Seu Espírito*" com a Palavra de Deus corretamente dividida (II Co.4:16; Ef.3:16). Esta força pode vir somente com o reconhecimento da verdade paulina que diz: "*não estamos debaixo da lei e sim da graça*" (Rm.6:14-15). Somente o homem interior que sabe que não é *condenado* pela lei pode se *deleitar* na Lei. Mas quando perdemos a visão disto e nos colocamos debaixo da Lei, experimentamos o problema que Paulo descreve depois.

"Mas vejo, nos meus membros outra Lei que guerreando contra a lei de minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros" (Rm.7:23).

Qual é a *outra* Lei que Paulo viu em seus membros? É a mesma Lei que operava "em *nossos* membros a fim de frutificarem para a morte", quando éramos incrédulos (Rm.7:5). E a lei, ou princípio fixo, que diz que quando nossa natureza caída é ordenada não fazer uma coisa, ela só dá *movimento* ao pecado (Rm.7:5). Paulo diz que quando ele se colocou debaixo da Lei de Moisés, esta outra lei lutou contra a lei de sua mente.

A Lei da mente do crente é a Lei do homem interior que sabe que ela não é condenada pela Lei de Moisés e tem prazer nela (v.22). É a "Lei do Espírito" a que Paulo menciona mais tarde (8:2). O Espírito e esta Lei habitam no homem interior, porque Paulo diz que "o vosso corpo é santuário do Espírito Santo" (I Co.6:19). É interessante lembrar que em relação a isto Romanos 12:1 diz para apresentarmos nossos "*corpos como sacrifício vivo, santo e aceitável à Deus, que é o vosso culto racional*".

Então, quando nos esquecemos da nossa posição não condenável em Cristo e nos colocamos debaixo da condenação da Lei, permitimos que este conflito tome lugar entre a Lei da nossa mente e a Lei da carne, que estão nos nossos membros, dando movimento ao pecado que nossa mente deseja evitar. Quando isto acontece Paulo diz que somos feitos prisioneiros "da Lei do pecado" a qual está *ainda* nos nossos membros, mesmo agora sendo salvos e acabamos cedendo à iniquidade.

A palavra "*cativos*" é uma palavra muito específica na Bíblia e é usada freqüentemente na Palavra de Deus, especialmente no Velho Testamento. Lá, esta palavra muitas vezes se refere ao período de setenta anos que o povo de Israel foi preso, cativo pelos caldeus na Babilônia. Acreditamos que Paulo escolheu esta palavra propositalmente e que há uma importante comparação com o nosso texto que ele gostaria que fizéssemos.

Quando o povo de Israel estava no cativeiro não pararam de ser o povo de Deus. Isto é, eles não perderam sua identidade como filhos de Deus, eles simplesmente não podiam mais funcionar como filhos de Deus. Eles não podiam trazer seus sacrifícios ao Templo em Jerusalém, não podiam freqüentar as três festas anuais que eram obrigatórias para todo hebreu adulto masculino (Êx.34:23-24), etc.

Da mesma forma, quando o crente é levado cativo pela Lei do pecado, ele não perde sua identidade em Cristo. Ele simplesmente se torna incapaz de funcionar como "utensílio para honra, santificado e útil ao seu possuidor, estando preparado para toda boa obra" (II Tm.2:21). Ele precisa retornar à sensatez "livrando-se... dos *laços* do diabo", porque está *cativo* por ele para cumprir "a sua vontade" (v.26) e dessa forma se encontra num tipo de *cativeiro* sobre o qual Paulo fala no nosso texto. Crentes que então se colocam debaixo da Lei podem pensar que estão se ajudando, mas na verdade "eles se opõem" (v.25) fazendo assim.

É verdade que crentes que caem nesta condição podem retornar "à sensatez" (v.26), mas algumas vezes precisam de uma pequena ajuda. Aquele crente espiritual que queira ajudá-los não deve ser contencioso, mas "deve ser brando para com todos... apto para instruir... com mansidão os que se opõem" (vs.24-25). E amados, não há nada de *humilde* ou *manso* em relação à *Lei*! E, portanto, sabemos que a Lei *não* é a solução para o problema do pecado em nossas vidas!

Aquele irmão que gostaria de ajudar aqueles que caíram em pecado deve ser "paciente" e "apto para instruir" sobre a *graça* de Deus, não sobre a Sua Lei. Muito freqüentemente quando algum irmão cai no pecado, irmãos bem intencionados tentam ministrar a este com o rigor e a severidade da Lei, repreendendo-o duramente, se esquecendo que em muitos casos, é a própria Lei que o pecado usa para fortalecer o irmão transgressor no pecado.

Quando este escritor era menino, lembra-se de ter visto um filme intitulado *Um Homem Colossal*. Após ser

exposto à radiação atômica, um homem cresce 20 metros e fica louco. Quando as armas convencionais falharam em conter esta ameaça à sociedade, um cientista propôs que se usasse o poder de fogo nuclear. Felizmente, outro cientista ressaltou que se foi a radiação nuclear que tinha causado o problema, uma explosão nuclear somente iria agravar a situação!

Do mesmo modo, se o pecado é um problema na vida do crente, antes de mais nada, a Lei de Moisés que Deus diz que fortalece o pecado, não seria uma solução adequada. É a graça de Deus que nos ensina que "renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos, no presente século, sensata, justa e piedosamente" (Tt.2:11-12). Falaremos mais disto quando considerarmos Romanos 8.

"Desventurado homem que sou. Quem me livrará do corpo desta morte?" (Rm.7:24).

A palavra "desventurado" significa "*muito infeliz, afligido profundamente*". Recusamos acreditar que esta condição era a regra na vida do grande apóstolo, mas somente sua experiência quando ele falhava em se lembrar que não estava debaixo da Lei que o condenava, mas debaixo da graça.

A presença do pronome "eu" aqui (embora seja de forma oculta) leva-nos a observar que as palavras "eu", "me" e "meu", aparecem cerca de *cinquenta vezes* em Romanos 7. Que lembrete para nós de que quando tiramos o nosso foco de Cristo, e quem somos Nele, e centralizamos a nossa atenção em nós mesmos, sem dúvida experimentaremos toda a frustração e falta de esperança que Paulo descreve neste capítulo.

É importante notar aqui que quando Paulo fala "*desta morte*" ele está falando sobre "a morte do crente" que mencionamos antes em Romanos 6:16. O pecado tem um efeito de amortecimento na vida do crente, um efeito do qual todos nós juntos com Paulo devemos querer ser livrados.

Quem nos livrará do corpo desta morte? Graças a Deus que existe uma resposta para esta pergunta.

"Graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor. De maneira que eu de mim mesmo, com a mente sou escravo da lei de Deus mas segundo a carne a lei do pecado" (Rm.7:25).

Um Guia Para Uma Vida Piedosa

PARTE V

"Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne mas segundo o Espírito" (Rm.8:1).

Este amado versículo tem sido usado por muito tempo como referência para provar a doutrina da segurança eterna. Mas enquanto a segurança eterna é ensinada em muitas Escrituras, convidamos o leitor a considerar que a segurança não é o assunto deste versículo. De fato, *seria* uma referência para provar a doutrina da segurança se o versículo terminasse com as palavras "*em Cristo Jesus*". Mas como o versículo termina com "*que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito*", e, assim, se este versículo fosse sobre a segurança eterna, estaria ensinando uma segurança *condicional*, porque estaria dizendo que há somente "nenhuma condenação" para aqueles que estão em Cristo e andam segundo o Espírito.

É freqüentemente ignorado que Romanos 8:1 começa com "*agora, pois*" (a tradução da Versão Revista e Corrigida usa a palavra "portanto") e estudantes da Bíblia sabem que quando se encontra as palavras "*agora, pois*" (ou "portanto"), sempre se deve observar o que veio antes no contexto. Romanos 8 segue Romanos 7, onde Paulo acaba de descrever a *auto condenação* que experimentou quando tentou usar a Lei de Moisés para o ajudar com o pecado (7:24).

Aqui deveria ser lembrado que, como há mais de um tipo de *salvação* na Bíblia (Ef.1:13; Rm.13:11; Fp.1:19, etc.), há também mais de um tipo de *condenação*. Enquanto a Bíblia fala de uma condenação *eterna* (Jo.5:24), ela também se refere a outras variedades (Lc.23:40). E aqui sugerimos que o nosso texto está dizendo que andar no Espírito eliminará a auto condenação, que é o assunto do contexto.

"Porque a Lei do Espírito de vida em Cristo Jesus te livrou da Lei do pecado e da morte" (Rm.8:2).

"*A lei do pecado e da morte*" é a Lei que diz: "Se pecar, morrerá". É a Lei de Moisés, porque como todos nós pecamos, lemos que "*a letra mata*" (II Co.3:6), então a Lei foi apropriadamente chamada de "*o ministério da morte*" (II Co.3:7). Sabemos que a Lei de Moisés é o assunto aqui, pois o próximo versículo segue dizendo que a Lei não podia trazer a salvação (Rm.8:3) e quem poderia pensar que existe uma outra lei para realizar isto, a não ser a Lei de Moisés?

Ora se a Lei do pecado e da morte diz: "Se pecar, morrerá", então seja o que for que "*a lei do Espírito de vida em Cristo*" significa, deve ser algo que nos liberta da Lei de Moisés. Esta só pode ser a "*lei*" que diz que há "*vida em Cristo*", isto é, a Lei que diz que se crermos em Cristo podemos ser salvos da condenação da Lei (Gl.3:13). Isto certamente são boas novas para o incrédulo, mas no contexto, Paulo está falando sobre a sua experiência como crente.

É verdade que o incrédulo que pecar morrerá. Mas também é verdade que o *crente* que pecar morrerá. Ele não morrerá a morte eterna que espera aqueles que morrem sem Cristo (Ap.20:14-15), mas morrerá a "morte cristã" que é o assunto de Romanos 6-8, a morte onde todo sinal vital do crente é "zerado" e ele entra num estado de inconsciência espiritual.

Qual é a solução para este problema? Bem, a solução para o incrédulo que é condenado pela Lei do pecado e da morte é crer em Cristo e receber a vida eterna. E achamos que esta é a mesma solução para o crente, cujo pecado faz com que a sua experiência cristã murche e morra. Não é necessário que seja salvo novamente. Ele

precisa somente reconhecer que enquanto há morte no pecado, há "*vida em Cristo*". Paulo explica o que ele quer dizer com isto no próximo versículo.

"Por quanto o que fora impossível à Lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando Seu próprio Filho em semelhança da carne pecaminosa e no tocante ao pecado; e com efeito condenou o pecado na carne" (Rm.8:3).

A Lei de Moisés era forte o bastante para a salvação *somente se pudesse ser guardada* (Lv.18:5; Lc.10:28; Rm.2:7; 10:5; Gl.3:12). A fraqueza da Lei se encontra naquilo que *não* se pode guardar. Ela era fraca por causa da *fraqueza* da carne. Em comparação, isto é semelhante a como um garfo grande tem condições de levantar um peru de 4 quilos, entretanto, se inserirmos o garfo na ave e tentar levantá-la, a carne do pássaro se rasgará e não poderemos levantá-la desta maneira. O garfo é forte o suficiente, *mas é fraco devido à carne*.

Quando se descobriu que o homem não podia guardar suficientemente bem a Lei para ser salvo, Deus mandou Seu próprio Filho "*em semelhança da carne pecaminosa*". Quando nosso Senhor nasceu, Ele *tornou-se "em semelhança de homens"* (Fp.2:7), mas quando Deus mandou-O para o Calvário, foi *lá* que Ele foi feito "*em semelhança da carne pecaminosa*", porque "*foi contado com os transgressores*" (Is.53:12).

E todo crente sabe *por que* Deus mandou Seu Filho para morrer na cruz do Calvário. Foi como o nosso texto diz: "*no tocante ao pecado*". Esta frase é usada para descrever as ofertas levíticas que eram feitas "*no tocante ao pecado*" (Lv.6:26; 9:15), etc. E então, Isaías predisse que quando Deus mandasse Seu Filho ao Calvário Ele faria da "sua alma como oferta *pelo pecado*" (Is.53:10).

Foi também no Calvário que Deus "*condenou o pecado na carne*". Esta é a chave para o entendimento desta passagem. Todo crente precisa de uma coisa para condenar o pecado que habita na sua carne (Rm.7:17-20). A Lei de Moisés *parece* que seria suficientemente apropriada, por assim dizer, pois certamente condena o pecado! Mas enquanto a Lei parece ser o ideal para lidar com o pecado, Paulo tinha acabado de ensinar em Romanos 7 que quando se usa a Lei para condenar o pecado em nossas vidas, isto leva a sentimentos de auto condenação e desespero.

É aqui em Romanos 8 que Paulo nos diz o que se deve usar para condenar o pecado na nossa carne, isto é, *a cruz de Cristo*. Foi *na cruz* que Deus nos disse *exatamente* o que pensa do pecado, porque foi na cruz que mostrou Sua prontidão em derramar Sua ira sobre Seu próprio Filho, quando Ele foi feito pecado por nós. Se Deus estava pronto para punir até Seu amado Filho por causa do pecado, o pecado certamente deve ser uma coisa abominável à Sua vista.

E isso é tudo que precisamos ter em mente para condenar o pecado em nossas vidas. É por isso que Paulo repreendeu os gálatas por eles tentarem usar a Lei para lidar com o pecado. Ele lhes lembrou que diante dos seus próprios olhos Cristo Jesus tinha sido "*exposto como crucificado*" (Gl.3:1). Esta é também a razão pela qual observamos a Ceia do Senhor: "*porque toda vez que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor até que Ele venha*" (I Co.11:26). Pois foi *a Cruz* que pagou nossos pecados e condena o pecado na nossa carne.

"Afim de que o preceito da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito" (Rm.8:4).

As palavras "*a fim de que*" referem-se ao *propósito* ou o *objetivo* de uma coisa. Aqui, o propósito da morte de Cristo pelos nossos pecados não foi para nos capacitar a continuar a pecar, mas ao invés disto, para cumprir a justiça da Lei. E o objetivo de condenar o pecado no Calvário foi para nos dizer o que Deus pensa do pecado e

nos prover com toda a motivação que precisamos para *não andarmos "segundo a carne, mas segundo o Espírito"*.

Repare que Paulo não diz que a Justiça da Lei foi preenchida *"por"* nós, mas em vez disso, que foi *"em"* nós. Assim como há uma diferença entre a cirurgia feita *por* um médico e a feita *no* médico, a justiça perfeita da Lei, não pode ser cumprida *por* nós, mesmo depois de sermos salvos. Mas ela pode ser cumprida *em* nós, assim como *"quem ama o próximo tem cumprido a lei"* (Rm.13:8), então quando andamos segundo o Espírito e não segundo a carne, também cumprimos a justiça da Lei.

É por isso que depois de lembrar os gálatas que o amor cumpre a lei, Paulo também lhes disse: *"andai em Espírito, e não cumprireis a concupiscência da carne"* (5:16). Depois de ter lhes dito antes em Gálatas que a Lei não os ajudaria a lidar com o pecado, aqui ele lhes diz o que realmente ajudará! Assim como no exército, a melhor defesa frequentemente é atacar, então a melhor maneira para não andar segundo a carne é andar segundo o Espírito.

Andar no Espírito não tem nada a ver com as alegações do pentecostalismo. Existem poucas outras maneiras que a palavra grega para *"andar"* é traduzida na versão Revista e Atualizada da nossa Bíblia em português. Hebreus 13:9 é uma passagem em que encontramos uma destas variações, especificamente na palavra *"preocuparem"*, que aqui quer dizer *"estar ocupado com"*. Portanto, *andar* no Espírito significa *estar ocupado com as coisas do Espírito*. Em outras palavras, a maneira de dizer *"não"* aos pecados da carne é dizer *"sim"* às coisas do Espírito. A maneira de tirar as coisas do mundo fora da sua vida é *expulsá-las* com as coisas do Espírito.

É isto que Paulo quis dizer quando escreveu *"nem deis lugar ao diabo"* (Ef.4:27). Não dê espaço algum ao diabo na sua vida! Se a sua vida for *preenchida* com as coisas do Senhor, não haverá lugar na sua vida para o pecado, porque nem mesmo o diabo pode adicionar uma única coisa à sua vida, pois ela já está *cheia*. É possível afundar completamente um copo invertido na água e a água não entrará no copo, porque o copo está cheio de ar. E então, se estivéssemos *cheios de Espírito* (Ef.5:18), não haveria espaço para as cobiças da carne na nossa vida.

É claro que o *andar* do crente começa com seus *pensamentos* e assim Paulo segue dizendo:

"Porque os que se inclinam para a carne cogitam das coisas da carne, mas os que se inclinam para o Espírito, das coisas do Espírito" (Rm.8:5).

Um Guia Para Uma Vida Piedosa

PARTE VI

"Porque os que se inclinam para a carne cogitam das coisas da carne, mas os que se inclinam para o Espírito, das coisas do Espírito" (Rm.8:5).

Quando é dito a uma criança: "seja educada", ela está sendo aconselhada a lembrar de que modo foi educada e permitir que isto influencie o seu comportamento. Portanto, as pessoas que andam segundo a carne fazem isso porque elas *"se inclinam para a carne"*, isto é, elas mantêm as coisas da carne nas suas mentes e permitem que estas influenciem o seu comportamento, sendo salvas ou não. Mas crentes que são bem sucedidos em andar segundo o Espírito aprenderam um segredo: em vez de andar segundo a carne, mantêm em mente as coisas do Espírito.

Pode soar estranho, mas a Lei de Moisés faz com que o crente mantenha a mente nas coisas da carne, isto é, mantendo-as na mente e inconscientemente permitem que influenciem o seu comportamento. Devido a nossa natureza caída, se nos é dito: "Não pense em elefantes cor de rosa", esta ordem subitamente introduziu o pensamento de elefantes cor de rosa na nossa mente, enquanto que antes dessa hora talvez nunca teríamos pensado em elefantes. Se então, passamos o dia inteiro pensando: *"Eu não vou pensar em elefantes cor de rosa!"*, o nosso enfoque se centraliza nesta proibição e mantêm o gigante colorido no ponto central de nossa mente. Se ao invés disto, simplesmente mudarmos a nossa atenção para outra coisa, todos os pensamentos do paquiderme cor de rosa logo fogem de nossos pensamentos.

Do mesmo modo, passar o dia todo pensando: *"Eu não vou roubar"*, somente mantêm o roubo como o pensamento principal na nossa mente, ao passo que se mudarmos o enfoque para coisas espirituais, logo estas coisas tiram os pensamentos carnis da nossa atenção. Isto faz parte do que é chamado de "motivação da graça" e é a razão pela qual é bem sucedido onde a Lei falha, quando o assunto é ajudar o crente a lidar com o pecado. A Lei diz *"não roubarás"*, sem nos dizer que método devemos usar para não roubar. A graça fornece a vitória *juntamente* com o mandamento quando diz: *"aquele que furtava, não furtar mais, antes, trabalhe"* (Ef.4:28). Se passarmos o dia pensando em como *ganhar* dinheiro, não pensaremos em como *furtá-lo*, então os pensamentos da nossa mente não influenciarão o nosso comportamento e farão com que não nos comprometamos com esta atividade ilegal e pecaminosa.

"Porque o pendor da carne dá para a morte, mas o do Espírito para a vida e paz" (Rm.8:6).

Um incrédulo com uma mente carnal está espiritualmente morto (Ef.2:1), mas o *"pendor [inclinação] da carne"* é a morte para o crente também. Preocupar-se com coisas carnis levará ao pecado e a morte da nossa experiência cristã, isto é, a nossa saúde e vitalidade espiritual. Mas ter uma mente espiritual é *"vida"*, isto é, *vida espiritual*, saúde e vitalidade. Ter uma mente espiritual permite ao Espírito influenciar nosso comportamento, *"porque o pendor... do Espírito" é "para a vida"*. Como Paulo escreveu em outro lugar: *"mas o que semeia para o Espírito do Espírito colherá vida eterna"* (Gl.6:8). Aqui Paulo fala de colher os benefícios da vida eterna *agora, nesta vida*, por pensar piedosamente, o que leva a uma vida piedosa.

Outra bênção de ter uma mente espiritual é a *"paz"*, a qual no contexto aqui em Romanos 8 se refere a uma ausência de conflito debaixo da Lei que Paulo descreve no capítulo anterior. Como crentes da graça, não temos que viver como aqueles derrotados descritos em Romanos 7, como foi o caso com Paulo quando estava usando a Lei para ajudá-lo com o pecado.

"Por isso o pendor da carne é inimizado contra Deus, pois não é sujeita à Lei de Deus, nem mesmo pode estar" (Rm.8:7).

A palavra "*inimizado*" significa *ser um inimigo de* e a maioria dos incrédulos ficaria surpresa em saber que são inimigos de Deus (Rm.5:10). São totalmente contra Deus, até o "*pendor [inclinação] da carne*" deles o é (v.7; Cl.1:21). A mente carnal do incrédulo não pode estar sujeita à Lei de Deus, pois é escrava do pecado (Rm.6:17,20) e "*ninguém pode servir a dois senhores*" (Mt.6:24).

"Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus" (Rm.8:8)

Novamente Paulo está falando aqui sobre incrédulos. Enquanto que é possível aos crentes "*andar segundo a carne*" (Rm.8:1,4) e "*viver segundo a carne*" (Rm.8:12-13), somente incrédulos realmente estão "*na carne*" (Rm.7:5) e não tendo fé "*não podem agradar a Deus*" (Hb.11:6).

"Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se, de fato, o Espírito de Deus habita em vós. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele" (Rm.8:9).

É uma verdade preciosa que o mais humilde dos crentes em Cristo está "no Espírito" e o Espírito está nele. O pai deste escritor era um mecânico especializado em fabricar peças e estampas e me ensinou a "dar um calor" no aço para fazê-lo mais duro e mais durável. Primeiro, um forno industrial é aquecido a uma temperatura alta que às vezes excede mil graus, e então o aço é colocado no forno em brasa. Cerca de duas horas depois, o aço está ainda no fogo, mas agora *o fogo está também no aço*, porque ele brilha com uma cor avermelhada até depois de ser removido do forno. Da mesma maneira, todo filho de Deus comprado pelo Seu sangue está no Espírito e o Espírito está nele.

"Se porém, Cristo está em vós, o corpo na verdade, está morto, por causa do pecado, mas o Espírito é vida por causa da justiça" (Rm.8:10).

Enquanto a alma do crente é salva e remida, seu corpo está "*morto*", precisa da salvação e redenção que Ihe dará vida e que o Arrebatamento trará (Rm.8:23; 13:11; Ef1:14; 4:30). Mas há um Espírito dentro do crente que já deu vida a alma dele "*por causa da justiça*". Ainda é verdade que "*na vereda da justiça está a vida*" (Pr.12:28) e em Cristo somos feitos "*justiça de Deus*" (II Co.5:21; cf. Rm.3:22), e portanto, possuímos Sua vida eterna.

Mas embora esta seja a nossa *posição* em Cristo, o que tem isso a ver com o nosso andar? Vamos acompanhar Paulo enquanto ele explica:

"Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, este mesmo que ressuscitou Jesus Cristo dentre os mortos vivificará também o vosso corpo mortal, por meio do Seu espírito que em vós habita" (Rm.8:11).

Sabemos que a ressurreição dos nossos corpos mortais no Arrebatamento não é o assunto aqui, porque Paulo fala da vivificação do nosso "*corpo mortal*". Corpos mortais são por definição *suscetíveis* à morte, mas estão vivos. Do mesmo modo, crentes são vivos *espiritualmente*, mas são suscetíveis à morte de sua experiência cristã se viverem segundo a carne. E crentes que viveram por um longo tempo em pecado são freqüentemente tentados a perderem as esperanças de serem tirados das profundezas em que caíram.

É a estes queridos santos que Paulo dirige estas palavras. Ele argumenta que se o Espírito que foi capaz de levantar até Cristo dos mortos vive em cada crente, então, não há crente que tenha ido tão longe no pecado que não possa ser tirado do seu domínio horrível. Aqui deve ser lembrado que assim como o nosso Senhor

foi pendurado na cruz do Calvário, o Seu Pai colocou Nele *os pecados de toda a humanidade de toda a história*, julgou-O culpado por estes pecados e condenou-O à morte. Mas o Espírito foi capaz de levantá-Lo e dar-Lhe vida por causa da Sua justiça e *o mesmo Espírito vive no mais humilde dos crentes*.

Quando compartilhamos Cristo com os incrédulos, especialmente aqueles que carregam um pesado fardo do pecado, somos ansiosos para convencê-los da Palavra de Deus que *"o Seu sangue pode limpar o mais imundo"*. Porém, quantos daqueles crentes que caíram no abismo do pecado já imaginaram se podem ser tirados da lama na qual se afundaram. É a estes queridos irmãos que as palavras de Paulo são dirigidas para que eles nunca desistam da esperança.

Pense por um momento sobre o poder de apenas *um único* pecado. O pecado de Adão não era tão grande aos olhos dos homens, ele comeu apenas um pedaço de fruta. Mas este pecado condenou-o a morrer fisicamente e eternamente, destinando a sua progenitura à mesma sorte horrível, contaminou toda a vida vegetal e animal e até mesmo a terra. Agora, considere que o Espírito foi capaz de levantar Cristo debaixo do peso de *todo o pecado que já foi ou será cometido* e este Espírito vive dentro de cada salvo. Isto é prova abundante que não importa quem somos, não importa o que fizemos ou faremos como *crentes*, Deus pode vivificar nosso corpo mortal pelo Espírito que vive dentro de cada um, levantando-nos para a saúde espiritual.

Mas deve ser apontado aqui que o *instrumento* vivificador do Espírito é a *Palavra de Deus* (Sl.119:25,107,154). Se o leitor cristão desta página sente-se perdido no pecado e degradação, o caminho de volta à vida e paz mencionada nesta passagem é alimentar-se da doutrina bíblica e a aplicação destes princípios à sua alma.

"Assim, pois, irmãos, somos devedores, não à carne como se constrangidos a viver segundo a carne" (Rm.8:12)

Um *devedor* é alguém que tem uma dívida com um *credor* e a carne do crente não lhe deu nada que o endividou. Mesmo que Paulo não tivesse escrito estas palavras, subentende-se que temos uma dívida com o Espírito que não podemos pagar por tudo aquilo que fez por nós. E se a maneira de pagar uma dívida para a carne é viver segundo a carne, então inversamente pagar a nossa dívida ao Espírito é viver segundo o Espírito (Gl.5:25).

Este escritor cresceu perto da cidade de Chicago, onde todas as pessoas que *trabalhavam* para a prefeitura eram exigidas *morar* na cidade. Era a opinião da prefeitura que se seus funcionários ganhavam seu modo de vida da cidade de Chicago, eles em troca deveriam viver e gastar seu salário nas lojas da cidade e pagar os impostos na mesma. Dessa forma a cidade receberia um benefício em retorno pelo modo de vida concedido aos seus empregados. Da mesma maneira, *"se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito"* (Gl.5:25). Se for do Espírito que obtemos a nossa vida, é apenas correto que vivamos de tal modo que Ele obtenha um grande benefício em troca daquilo que nos concedeu.

"Porque, se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis" (Rm.8:13)

Aqui vemos a importância de reconhecer que a "morte" nesta passagem é a "morte cristã" da experiência cristã do crente e não a morte eterna da sua alma. Se o último fosse o caso, Paulo diria aqui que viver uma vida pecaminosa faria com que o crente perdesse a sua salvação. Mas como o primeiro é o caso, entendemos que é a saúde e a vitalidade espiritual do crente que é vulnerável à morte.

Quando Paulo diz *"mortificardes os feitos do corpo"*, uma definição da palavra *"mortificardes"* é *"matar"* e outra é *"levar à sujeição pela abstinência"*. Então, sugeríamos que a melhor maneira para destruir as obras pecaminosas do corpo é *matá-las de fome*, não permitindo que a nossa mente se alimente das influências

pecaminosas do mundo ao nosso redor. Esta parte era o que Paulo tinha em mente quando nos aconselha: "*nada disponhais para a carne no tocante às suas concupiscências*" (Rm.13:14). É claro, que isto deve ser feito "pelo Espírito" e não pela Lei, como Paulo vem dizendo nesta passagem e se apressa a repetir no versículo 13.

É interessante que a palavra *mortificardes* é definida como "*a morte de uma parte do corpo de um animal, enquanto que o resto está vivo*". Portanto, se mortificarmos as obras pecaminosas do corpo, isto deixará somente as boas obras do Espírito para continuarem a "viver", permitindo-nos realmente *viver* uma vida cristã. Enquanto que muitos crentes conseguem com dificuldade uma mísera existência cristã, Deus está ansioso que *prosperamos*, não que apenas *sobrevivamos*, como Seus filhos.

E então é a oração de fechamento deste escritor que estes pensamentos de Romanos 6 a 8, o guia particular do apóstolo Paulo para uma vida piedosa, capacite ao crente sincero em Cristo de não apenas viver vitoriosamente sobre o pecado, *mas que aproveite ao máximo a vida no Senhor*, da maneira triunfante e jubilosa na qual Deus deseja que vivamos. *Amém!*